



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO**

MAYARA EMMILY CHAVES GOMES

**TÃO DIFERENTES, TÃO NORMAIS:
PERFIS DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN EM JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA
2017**

MAYARA EMMILY CHAVES GOMES

**TÃO DIFERENTES, TÃO NORMAIS:
PERFIS DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN EM JOÃO PESSOA**

Relatório do Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, para o exame de Defesa, sob a orientação da profa. Dra. Gloria Rabay, na linha de pesquisa Processos, Práticas e Produtos, inserida na área de concentração Produção Jornalística.

Área de Concentração: Produção Jornalística

Linha de Pesquisa: Processos, Práticas e Produtos

JOÃO PESSOA

2017

MAYARA EMMILY CHAVES GOMES

**TÃO DIFERENTES, TÃO NORMAIS:
PERFIS DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN EM JOÃO PESSOA**

Relatório do Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, para o exame de Defesa.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Gloria Rabay (UFPB) - Presidente

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva (UFPB) - Membro

Profa. Dra. Edineide Jezine Mesquita Araújo (UFPB) - Membro

Dedico este trabalho à minha mãe, Graça Chaves, pelo amor, força e entusiasmo constantes durante este caminho e em todas as trajetórias que já percorri.

A Cybelli, pela inspiração, pelo amor e por todos os anos que já foram e que virão com sua presença em minha vida.

E a todas as pessoas com síndrome de Down que buscam diariamente viver com plenitude em nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à confiança e o apoio familiar que sempre tive em casa, além da fonte de inspiração para este trabalho, que cresceu junto comigo. Sou grata a Deus por ter vocês e por estar vivendo esse momento.

Ao meu marido, Heudon, que me incentivou desde a seleção do Mestrado até aqui e, tenho certeza, apoiará e fará parte de todos os desafios que a vida nos reserva.

À professora Gloria Rabay, por todo o incentivo e ajuda. Muito obrigada por ser não “apenas” uma orientadora, mas sim uma amiga.

Aos professores Edineide e Luiz Custodio, que compõem a Banca; ao professor Hildeberto, que estava na minha Qualificação. Agradeço imensamente por me ajudarem a melhorar esse trabalho com o seu conhecimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB pela oportunidade e todos os professores por propagarem o conhecimento que me foi tão fundamental para que eu pudesse desenvolver esse trabalho.

Aos amigos da turma de Mestrado, pelo apoio, alegria e injeções cotidianas de ânimo. Meu agradecimento especial vai para Fábio, que acreditou que eu podia chegar aqui, a Giuliana, que sempre lutou para que todos crescessem juntos e também para Verônica, Bruna Vieira, Lila, Érika Bruna, Serginho e Edileusa, pela ajuda, pelas dezenas de livros/apostilas e pelos desafios compartilhados.

A dois amigos de fora do Mestrado, dois irmãos que Deus me deu, e a quem pedi “socorro” pra deixar este relatório e o livro-reportagem mais legíveis e bonitos: Dani e Eber.

Aos meus personagens lindos (Cybelli, Djalma, Raquel, Gabi e Messias) por me presentarem com suas histórias e às suas mães pelo que me contaram sobre seus filhos.

Obrigada também à fonoaudióloga Isabelle Cahino por me ajudar com suas informações.

RESUMO

Neste relatório, demonstramos o processo para a criação de um livro-reportagem-perfil entrevistando cinco pessoas com síndrome de Down. Inicialmente, apresentamos os caminhos teóricos nos centrando em gêneros como perfil e biografia. Após esse aporte geral, nos atemos no aspecto histórico da reportagem-perfil. Em seguida, partimos para os entendimentos sobre livro-reportagem até chegar no livro-reportagem-perfil e, finalmente, declaramos as motivações para escrever um produto deste tipo, com base numa proposta para que haja transparência na escrita do narrador. Adiante, descrevemos os procedimentos metodológicos para o relatório e para o produto adotando, para este último, a observação participante e a entrevista-diálogo combinada com o perfil humanizado como alternativas para a coleta de informações. Em seguida, descrevemos o passo-a-passo para a realização do livro-reportagem-perfil “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, a estrutura do produto e as considerações finais acerca do trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo. Livro-reportagem. Perfil. Síndrome de Down

ABSTRACT

In this partial, we demonstrate the process for creating a book-report-interviewing five people with Down syndrome. Initially, we present the theoretical paths focusing on genres such as profile and biography. After this general contribution, we focus on the historical aspect of reporting-profile. Then, we go to the book-report understandings until we reach the book-report-profile and, finally, we declare the motivations to write a product of this type, based on a proposal for there to be transparency in the writing of the narrator. Later, we describe the methodological procedures for the report and for the product adopting, for the latter, the participant observation and the interview-dialog combined with the humanized profile as alternatives for the collection of information. Next, we describe the step-by-step for the book-report-profile "So different, so normal: profiles of people with Down syndrome in João Pessoa," the product structure and the final considerations about the work.

Keywords: Journalism. Book-report. Profile. Down syndrome.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 REFLEXÕES SOBRE A REPORTAGEM-PERFIL	12
1.1 A REPORTAGEM-PERFIL E A SUBJETIVIDADE	12
1.2 PERFIL E A BIOGRAFIA: DIFERENCIAÇÕES.....	17
1.3 UM POUCO DA HISTORIA DA REPORTAGEM-PERFIL NO BRASIL	20
1.4 LIVRO-REPORTAGEM-PERFIL.....	23
2 A SÍNDROME DE DOWN	26
2.1 POR QUE DECIDI ESCREVER	26
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
2.2.1 Observação participante	29
2.2.2 Entrevistas	31
2.3 PASSO A PASSO PARA O PRODUTO FINAL (LIVRO-REPORTAGEM).....	32
2.3.1 Estrutura do livro-reportagem	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A	45

INTRODUÇÃO

Um dos papéis do jornalismo é dar voz e empoderar as pessoas. É possível notar essa particularidade, por exemplo, em reportagens que denunciam problemas sociais. Além de mostrar o cotidiano das pessoas que estão vivenciando a situação, essas notícias, escritas com a influência do olhar particular do jornalista, podem impactar a sociedade, de modo que contribuam para a conscientização sobre questões que envolvem desigualdades (econômica, de direitos, de oportunidades) e preconceitos contra grupos/minorias da comunidade.

Tendo em vista essa função social do jornalismo, é possível questionar se os profissionais da área e as notícias escritas por eles são verdadeiros porta-vozes para pessoas com deficiência intelectual, mais especificamente aquelas com Síndrome de Down (SD), uma das condições genéticas mais comuns no Brasil. De acordo com o Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que por volta de 300 mil pessoas tenham SD¹. Ou seja, se forem calculadas as proporções, a cada 600 nascimentos, um bebê chega ao mundo com a síndrome.

Este número atualmente pode, em maior ou menor frequência, ser “visto” em fisionomias de pessoas que lutam pelo seu espaço na sociedade, mas que ainda sofrem preconceitos e são vistas como “menos” capazes que indivíduos preenchedores dos requisitos da dita “normalidade”. Sendo assim, além de se questionar o papel social do jornalismo frente as pessoas com SD, é preciso que, antes de tudo, o jornalista saiba como lidar com a temática para que a notícia, a reportagem ou o relato consigam ser, de fato, verdadeiros para o seu público, atuando como instrumentos de conscientização social e de promoção da igualdade, no sentido de trazer à luz um tema relevante, que constitui a realidade de uma “minoria”.

A temática da inclusão da pessoa com síndrome de Down vem ganhando espaço enquanto tema no jornalismo. Ao fazer, por exemplo, uma pesquisa rápida pelo termo “síndrome de Down” em portais de notícias ou em qualquer site de buscas da internet: os registros são inúmeros; dentre as matérias que constam nos resultados estão aquelas que falam sobre o mercado de trabalho² para pessoas com a alteração genética, além de feitos como

¹ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Síndrome de Down**: população é consultada para melhor atendimento. Disponível em: <<http://bit.ly/1Tky99V>>. Acesso em 25 jan. 2016.

² DANTAS, D. Jovens com síndrome de Down se superam e vão à luta por emprego. **O DIA**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1RDWCSw>>. Acesso em: 03 fev. 2016; BARIFOUSE, R. 'Trabalhar nos dá independência': como o emprego muda a vida de pessoas com deficiência. **BBC Brasil**, 05 out. 2015. Disponível em: <<http://bbc.in/1UIZC28>>. Acesso: 03 fev. 2016.

aprovação no vestibular³, bom desempenho na faculdade⁴ e sucesso no esporte⁵, entre outros acontecimentos que seriam de pouca relevância para a imprensa caso os protagonistas não tivessem uma deficiência intelectual.

Nas histórias pessoais narradas, no entanto, poucas são as falas desses personagens. Percebe-se mais as vozes das mães, dos especialistas e das pessoas que compartilham do cotidiano junto à pessoa com síndrome de Down. Assim, a voz desse indivíduo acabada sendo secundarizada. Mesmo que sutil, esse tipo de hierarquização que “rouba” o já pequeno lugar de fala de uma minoria, de uma parcela da população que sofre com os estigmas vividos em uma sociedade carregada de preconceitos, demonstra a necessidade de uma modificação na prática do jornalismo no sentido de atentar para as inúmeras diferenças que geram interesses e necessidades diversificados.

O jornalismo deve debater temáticas que interessem ao público, principalmente assuntos que ainda precisam ser desmistificados socialmente, como a síndrome de Down, assim como ouvir as vozes das pessoas que têm a condição genética e não deveriam ser “limitadas” apenas por essa característica. Por isso, com o intuito principal de contribuir para uma melhor prática jornalística ao se defrontar com o tema “síndrome de Down”, descrevemos neste relatório a construção de um livro-reportagem, intitulado “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, que reúne cinco perfis de pessoas com SD que moram em João Pessoa, no estado da Paraíba. Relatando as personalidades, gostos e sonhos de cada um dos personagens, os perfis mostram um pouco da visão de mundo a partir dos olhares de pessoas com a síndrome. Para o livro foram entrevistados dois homens e três mulheres, com idades que variam dos 14 aos 33 anos.

A pesquisa teve como objetivo geral a produção de um livro-reportagem-perfil sobre pessoas com síndrome de Down na cidade de João Pessoa. Além disso, procura explorar mais uma possibilidade de cobertura do tema, como alternativa à abordagem da mídia tradicional.

A pesquisa teve início a partir de um levantamento bibliográfico levando em conta autores com produções e escritos sobre biografias, reportagens-perfil, livro-reportagem, narrativas, síndrome de Down, observação participante e entrevistas no jornalismo. Os

³XAVIER, G. 'Um sonho', diz paraibana com síndrome de Down sobre faculdade. **G1 Paraíba**, Paraíba, 21 mar. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1MXT7oy>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

⁴UOL. Aluno com síndrome de Down conclui faculdade com TCC nota 10. **UOL**. 10 dez. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/10/aluno-com-sindrome-de-down-conclui-faculdade-com-tcc-nota-10.htm>>. Acesso: 02 fev. 2016

⁵REDAÇÃO. Atleta da Capital não se intimida com Síndrome de Down e se destaca no boxe. **Portal Correio**, Paraíba, 08 jan. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1SzenUQ>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

principais temas/autores estudados para a realização do produto estão estruturados da seguinte maneira:

Quadro 1: Principais temas e autores estudados

Reportagens-perfil, biografias, narrativas	livro-reportagem,	MEDINA (2003), MORAES (2015), VILAS BOAS (2003; 2008), LIMA (2002; 2004), BELO (2006), MAIA (2006), SCHMIDT (1997), WOLFE (2005).
Síndrome de Down e inclusão		WERNECK (1992), MUSTACCHI (2009), GONTIJO (2012), ANGÉLICO (2004), CASTELÃO et al (2003), GOMES (2014), GOMES-MACHADO; CHIARI (2009), LEITE; LORENTZ (2011), LÓPEZ MELERO (2004), LUIZ; KUBO (2007), MARQUES (2008), MOREIRA; GUSMÃO (2002), NAHAS et al (2012), PIRES et al (2007), SAAD (2003), SILVA; DESSEN (2002, 2003)
Observação participante e entrevistas		TRAVANCAS (2005), LAGO (2007), LIMA (2004), MEDINA (1986).

Fonte: Pesquisadora

Além desse levantamento, foram utilizadas as estratégias metodológicas abaixo:

- Pesquisas teóricas e históricas sobre reportagens-perfil e Síndrome de Down;
- Entrevista por meio de gravador com cinco pessoas com Síndrome de Down;
- Entrevista por meio de gravador com mães de cinco pessoas com Síndrome de Down;
- Entrevista por meio de gravador com fonoaudióloga que coordena projetos em que os cinco entrevistados estão inseridos, com o intuito de conhecer melhor as iniciativas;
- Transcrição de todas as entrevistas e, a partir disso, criação das reportagens;
- Organização do produto (livro-reportagem) a partir desse conteúdo;
- Construção deste relatório para indicar os passos realizados até a construção do referido produto.

Neste relatório, o texto é estruturado a partir de um capítulo sobre as reflexões acerca da reportagem-perfil, onde são demonstrados: a relação desse tipo de texto com a subjetividade humana; as diferenças entre este gênero jornalístico e a biografia; e um pouco da história do perfil, passando pelo surgimento do Novo Jornalismo nos Estados Unidos até o contexto

brasileiro. Além disso, levantaremos os conceitos inerentes ao livro-reportagem, dando ênfase à modalidade perfil. No capítulo seguinte, se debate sobre as razões que levaram esta autora a decidir criar um livro-reportagem sobre síndrome de Down e os procedimentos metodológicos relativos à construção do produto, incluindo o passo a passo detalhado até a finalização do livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”.

1 REFLEXÕES SOBRE A REPORTAGEM-PERFIL

1.1 A REPORTAGEM-PERFIL E A SUBJETIVIDADE

O jornalismo, praticado da maneira chamada convencional, obedece a um padrão de notícias largamente difundido com estruturas que, supostamente, neutralizam o narrador diante dos acontecimentos e privilegiam as vozes oficiais da sociedade. No entanto, tal modelo vem passando por uma crise, assim como afirma Cremilda Medina:

O jornalismo, na comunicação social, faz da narrativa da atualidade a sua matéria-prima. O que não quer dizer que o cotidiano seja privilegiado como seria o desejável. (...) Se o acontecimento social do momento define o discurso da atualidade que se veicula no jornalismo, as fórmulas como se expressam significados do presente no noticiário quase sempre ocultam a cena cotidiana e anônima da gente miúda — cidadãos, subcidadãos e deserdados. O cotidiano na atualidade está, no jornalismo como em outras esferas do conhecimento, aprisionado em paradigmas em crise. O discurso cientificista da objetividade e da busca da verdade serve de frágil escudo para defender práticas jornalísticas reducionistas (MEDINA, 2003, p. 92).

Ainda segundo Cremilda Medina, no entanto, alguns autores estão indo de encontro a esses cerceamentos de criatividade em seus trabalhos, tanto nos próprios jornais tradicionais como nos livros-reportagem (2003, p. 93). Isso faz com que o público possa ler outras formas de se fazer jornalismo, pelo uso de outros gêneros de escrita, como a reportagem-perfil, que ultrapassa as estruturas e fórmulas convencionais. Assim, o perfil não se encaixa na estrutura conhecida como pirâmide invertida⁶, formada pelo *lead* — que é o primeiro parágrafo de um texto jornalístico típico do dia-a-dia e contém as informações consideradas mais relevantes no texto — e as informações mais secundárias — que ocupam as linhas seguintes.

O processo de ir além da fórmula do texto jornalístico diário, dessa forma, foi algo que já se pretendia para que o livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”. Em oposição à notícia diária, onde muitas vezes “colhemos” uma fala para consolidar uma informação e encaixamos numa estrutura prévia, ao escrever textos com o formato de perfil, passamos para um campo mais abrangente, mais subjetivo, que vai além da padronização.

⁶ A pirâmide invertida é a estruturação convencionada no jornalismo tradicional para que as informações consideradas mais importantes sejam dadas no início da notícia. Essa técnica divide o texto em *lead* (parágrafo inicial do texto, onde devem estar respondidas perguntas sobre um fato: o quê, quem, quando, onde, como e por que?), seguido das informações secundárias. Quando o *lead* não é suficiente para responder a todas as perguntas, surge o que se chama de *sublead*. Detalhes em: <<http://bit.ly/2bK6tyQ>>. Acesso: 19 jun. 2016.

A jornalista Fabiana Moraes, autora de livros-reportagem com perfis como Nabuco em Pretos e Brancos, Os Sertões e O Nascimento de Joicy, propõe um jornalismo recorra à subjetividade não só para a produção de reportagens especiais, mas também nas notícias do dia-a-dia, apontando o ganho da sua utilização para a área jornalística (MORAES, 2015, p.159). Esse tipo de jornalismo consideraria, em vez de negar, os aspectos que fogem do seu controle:

Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior — e o Outro — em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou “acontecimento”), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida — o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam o nosso olhar sobre o mundo (MORAES, 2015, p.159).

A negação do subjetivo no fazer jornalístico diário chega até a influenciar o que é dito pelas fontes, como ressalta Moraes (2015, p. 160). No entanto, para que haja mudança, a autora propõe que o jornalismo não apenas reconheça suas limitações, mas que também encare a subjetividade de maneira diferente:

Reconhecer que não somos capazes de guiar comportamentos, falas, sentimentos e situações, aliás, não prejudica a narrativa jornalística; ao contrário, pode enriquecê-la. Parece óbvio, mas o fato é que grande parte da produção desse campo midiático funciona a partir de um imenso e terrível ato de manipulação e autoritarismo, no qual pessoas e grupos são praticamente obrigados a se comportar, a responder e mesmo a *sentir* aquilo que o jornalista — quase sempre apressado ou ansioso para dar conta de algo que está em *sua* cabeça — quer (MORAES, 2015, p. 159-160).

A subjetividade, ainda pouco explorada nas frenéticas notícias do cotidiano, aflora no perfil. Destrinchar sentimentos, sensações, ambientes, cheiros e linguagens que vão além da palavra dita: tudo isso é possível quando se escreve perfis. Ao mesmo tempo, o próprio jornalista se permite sentir e colocar suas percepções no papel.

Além da valorização do subjetivo, na reportagem-perfil é possível identificar uma proximidade com a literatura, ou seja, é, mais do que puramente Jornalismo, uma expressão do Jornalismo Literário (JL), “(...) também conhecido como literatura de realidade, literatura de não-ficção ou *creative nonfiction*. O Jornalismo Literário foge das fórmulas rígidas de estruturação. Suas referências narrativas (procedimento e técnica) vêm da literatura”, afirma Vilas Boas (2003, p.10). Ainda conforme o autor, o JL é uma “filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária. Aplica-se a qualquer área de cobertura jornalística” (idem). Assim,

é uma prática que os jornalistas podem exercer independente do tipo de texto que escrevem, tendo a possibilidade de gerar um diferencial nas próprias matérias do dia a dia.

Por representar uma singularidade perante textos superficiais comuns nos veículos de imprensa, o perfil também é considerado, segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), um dos itens que corporificam o chamado Jornalismo Interpretativo e que traz à tona o aspecto humano na reportagem. O autor justifica sua afirmação “(...) já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir um retrato completo dos temas que aborda” (LIMA, 2004, p.21).

Lima afirma que o Jornalismo Interpretativo “busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro” (2004, p. 20). Ou seja, é um tipo de prática jornalística que se preocupa em ressaltar elementos pouco visíveis em matérias comuns, incitando o leitor a pensar, por exemplo, sobre o que motivou e quais são as consequências de determinado fato. Segundo classificação de Luiz Beltrão (*apud* Seixas, 2009, p. 56), o jornalismo interpretativo é um dos gêneros jornalísticos existentes, abarcando a reportagem em profundidade. Já os outros gêneros são o informativo (História de interesse humano, notícia, reportagem, informação pela imagem) e o opinativo (Editorial, artigo, fotografia e ilustração, crônica, charge/caricatura, colaboração do leitor).

Seguindo a classificação de Luiz Beltrão, Lima aponta o perfil como constitutivo do jornalismo interpretativo. No entanto, assim como explica Seixas (2009, p.56), José Marques de Melo propôs uma classificação, a partir de Beltrão, porém com características diferentes, onde suprimiu o gênero interpretativo e determinou a reportagem como gênero informativo em 1985. Em 2008, Melo reafirma seu entendimento sobre reportagem, em entrevista à Lia Seixas, explicando que “A reportagem continua o gênero informativo por excelência. Antes, como fez o Luiz Beltrão, se colocava a reportagem dentro de interpretativo... Luiz Beltrão, nesse momento, não visualizou bem. Ele viu a ponta do iceberg” (MELO, 2008).

Contudo, a riqueza literária, informativa, interpretativa e subjetiva do gênero perfil ainda não é suficiente para que se veja frequentemente textos desse tipo com mais frequência no jornalismo diário. Vila Boas afirma que veículos de comunicação no Brasil - citando jornais impressos e revistas - ainda tendem a acreditar que seus leitores não gostam de ler ou lhes falta tempo para isso. Mas o autor opina sobre essa crença, ao citar as raras reportagens que geram empatia:

Acredito que os leitores sempre encontrarão tempo para narrativas que identificam seus destinos com o de outras pessoas, como quando dizem “puts, isso pode acontecer comigo”. O problema é que simplesmente desapareceram as reportagens hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira no café da manhã, perder o ônibus ou dilatar nossa ida ao banheiro durante o horário de trabalho. Diariamente, não se vê uma, uma única reportagem que crie essa empatia” (VILAS BOAS, 2003, p. 12)

Crises financeiras, no entanto, aparecem entre as justificativas para as empresas de comunicação não diversificarem seus modos de fazer jornalismo. Assim como afirma Belo (2006, p. 35), a economia, apesar das contínuas crises, conseguiu se movimentar, mas o jornalismo, especificamente o de jornais e revistas impressos, sofre com a estagnação de sua circulação e do faturamento vindo da publicidade: “A mídia impressa ainda não se encontrou depois da internet e da sucessão de ciclos de baixa da economia brasileira” (BELO, 2006, p. 35).

Em consequência disso, a escolha de grande parte das empresas de comunicação é pelo modo convencional (e mais rápido) de se fazer jornalismo, em detrimento das “histórias de fôlego”, como afirma o autor. No entanto, ainda segundo Eduardo Belo, as organizações jornalísticas atribuem esta opção a uma suposta preferência do público por textos menores:

Com tantos problemas administrativos a resolver, as empresas de comunicação não têm conseguido manter redações extensas. Nem passa pela cabeça da maioria dos gestores a ideia de ter profissionais trabalhando longamente, por dias, semanas ou meses, na apuração de histórias de fôlego. Em nome da produtividade, acabam publicando o noticiário cotidiano, muitas vezes sem o caráter interpretativo que poderia fazer a diferença em relação a outros meios. E ainda jogam para o público a responsabilidade dessa decisão, com o pretexto de que ninguém quer textos longos — como se a reportagem precisasse ser longa para ser boa — nem tem tempo para eles (BELO, 2006, p. 35).

Portanto, em muitas redações prevalecem os interesses econômicos e o texto jornalístico acaba tratado tão somente como mercadoria o que pode acabar minando a riqueza que a subjetividade de gêneros jornalísticos como o perfil. De acordo com Maia (2006), a roupagem objetiva ao noticiário é limitadora para a comunicação:

A objetivação do relato, motivada principalmente pelo advento da imprensa massiva, reduz a comunicação a um processo de transmissão de informações a partir dos meios de comunicação impressos, em um primeiro momento, até chegar aos meios eletrônicos e digitais, responsáveis pela veiculação de informações para milhões de pessoas ao redor do mundo. Para tentar atingir o máximo de pessoas e poder ser compreensível acabou-se por produzir uma gramática jornalística que, em geral, contribuiu para certas normatizações que desconhecem o aspecto subjetivo inerente ao sujeito que fala e também ao sujeito que ouve e reconta (MAIA, 2006, p.138).

Assim, o jornalismo, na tentativa de acompanhar a velocidade da era digital e de ser lucrativo do ponto de vista mercadológico, produz conteúdos cada vez mais pontuais, menos contextualizados, com menor pluralidade de vozes, na tentativa de sair na frente e não ferir os interesses das empresas de comunicação. A notícia, que se apresenta como um “recorte” da realidade que carregaria em sua essência a autenticidade do fato, dos relatos, acaba por propagar meias-verdades.

Tais problemas que se apresentam no jornalismo se relacionam diretamente com as boas práticas da profissão. Uma questão fundamental para o jornalismo é mostrar a verdade para as pessoas, ou seja, é o compromisso que a profissão tem de levar uma leitura fiel dos fatos ao público. Francisco Karam (1997, p. 49) defende que a atuação ética e moral do profissional não pode servir a interesses pessoais, estatais ou privados, mas deve servir ao público: “O caminho mais próximo da verdade é o do controle social da informação por aqueles que a produzem e a apreendem, a própria humanidade”.

Entretanto, ao contrário do caminho proposto por Karam, o que mais se vê é um jornalismo sem marcas visíveis da autoria e que segue rigidamente fórmulas de acordo com lógicas que não visam o interesse da sociedade como um todo. Tenta-se fazer do texto jornalístico um agrupamento de palavras que deveriam informar, mas que evidenciam um distanciamento dos contextos e dos sentimentos, tornando o texto menos informativo do que poderia ser, sem “dar o que pensar” aos seus leitores. No entanto, textos com traços literários, subjetivos, como o perfil podem ser alternativas a esse jornalismo que propaga informações restritas e descontextualizadas. Abaixo, Vilas Boas aborda o caso da mídia impressa, porém é possível estender esse entendimento para os outros veículos.

A friidez do Jornalismo convencional, que se opõe ao Literário, talvez seja reflexo de nossa época. Internamente, a mídia impressa não tem conseguido enxergar as várias alternativas disponíveis para oxigenar suas práticas. Ao contrário, embarca na ideia de uma desilusão generalizada das pessoas em relação aos ideais de justiça e igualdade. O perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

Ou seja, Vilas Boas aponta que o perfil vai além do que o jornalismo convencional pode oferecer, pois não se reduz a amarras de uma suposta objetividade, uma crença sobre a preferência dos leitores ou interesses econômicos. Esse gênero leva para o leitor informações, percepções sobre o personagem e a própria linguagem não-verbal que emana da fonte — como se comporta em relação aos fatos, ao ambiente, entre outras possibilidades —, o que pode até

ser mais enriquecedor, em termos de significado, do que restringir-se ao que apenas é dito pelo entrevistado.

1.2 PERFIL E A BIOGRAFIA: DIFERENCIAÇÕES

Como a própria nomenclatura mostra, a reportagem-perfil tem como intuito mostrar apenas um aspecto ou mesmo diferentes facetas do seu entrevistado. E, quando nos deparamos com perfis, é possível lembrar, a partir de suas características que evidenciam momentos das vidas dos perfilados, de outro gênero: a biografia.

Ao fazer um comparativo sobre semelhanças e diferenças entre obras biográficas escritas por jornalistas e aquelas escritas por historiadores, Schmidt (1997, p. 8) ressalta o contexto do surgimento da biografia no jornalismo afirmando que “(...) o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de uma aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas”.

Dessa forma, de maneira semelhante à reportagem-perfil, a biografia reflete a escrita literária. Por outro lado, a diferença entre ambos os gêneros diz respeito à abordagem sobre a vida do personagem. Se na biografia, o olhar do escritor é mais abrangente, no sentido de considerar os detalhes da trajetória de vida do personagem na totalidade, o que lhe dá um caráter de atemporalidade, a reportagem-perfil se constrói num contexto de tempo, levantando apenas alguns fatos do cotidiano de sua fonte. Tais diferenças são evidenciadas nas palavras de Vilas Boas:

Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter (VILAS BOAS, 2003, p. 13)

Outro autor que propõe uma diferenciação entre perfis e biografias, explorando caminhos e sutilezas entre um gênero e outro é Edvaldo Pereira Lima, em seu texto “Histórias de Vida em Jornalismo Literário Avançado”, datado de 2002, e disponível em seu próprio site, onde explora também a chamada “história de vida”⁷:

⁷ Segundo Lima (2002), “As histórias de vida são narrativas centradas em indivíduos ou grupos sociais cujo objetivo é elucidar situações e questões bem demarcadas, prioritariamente interessadas em focalizar a participação humana no desenrolar da história contemporânea em movimento”.

No meu entender, os **perfis** são uma espécie de **história de vida** cuja proposta é desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do(s) protagonista(s). Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem, ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente. Também entendo que as **histórias de vida**, fora do padrão dos **perfis**, podem centrar baterias em episódios escolhidos da trajetória humana do protagonista ou amplificar essa trajetória, buscando o entendimento de uma vida inteira. Nesse último caso, já passamos com fluidez para o território das **biografias**, muitas das quais, hoje em dia, produzidas por jornalistas, no Brasil, em livros-reportagem de grande envergadura, como são os trabalhos de Ruy Castro e Fernando Morais (LIMA, 2002).

O que esses gêneros (biografia, perfil e a história de vida, que se expressa em ambos os gêneros) têm em comum é o foco no humano, no personagem, nos seus anseios, crenças, visões de mundo, subjetividade e tantas outras características próprias da natureza humana, e que fazem de cada indivíduo alguém único. Vilas Boas (2003) reforça que “vivemos em um contexto intangível. Constantemente, nos achamos e nos perdemos. Qual o ponto de partida e de chegada? Acredito que é a biografia, a história de vida, o perfil. Ou seja, o personagem real. A experiência humana é nossa principal referência” (VILAS BOAS, 2003, p. 18).

Diferentemente da biografia, a reportagem-perfil abarca “aquele” instante, o momento específico, uma faceta escolhida de seu entrevistado, ou perfilado. É temporal, sim, mas enxerga a essência do presente, de como o personagem age ou pensa sobre algum assunto na época em que é dada a entrevista. Ainda assim, tem uma intensidade capaz de despertar novos olhares em seus leitores, o que é captado por Vilas Boas (2003) ao elencar aspectos que atraem os leitores para os perfis: “São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós. A meu ver, é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo, ou adquire aquele tom desbotado típico das fotografias muito antigas” (VILAS BOAS, 2003, p. 20).

Exemplo dessa capacidade de captar o instante são as reportagens-perfil do próprio Vilas Boas no livro ao qual, desde o início do texto, estamos fazendo referência, que é o *Perfis e como escrevê-los* (2003). Para o leitor ter uma ideia melhor, selecionamos o trecho inicial do perfil “O Brasil dos ubaldos”, no qual o perfilado foi o escritor João Ubaldo Ribeiro. No texto, é perceptível que o entrevistado não está nos seus melhores humores, porém as percepções descritas por Vilas Boas nos mostram uma faceta interessante de Ubaldo que em matérias convencionais provavelmente não teríamos acesso:

- Quinhentos anos? Você veio aqui pra falar dos quinhentos anos? Essa não!
- Bem, poderia ser um dos assuntos, afinal, a Carta de Pero Vaz de Caminha ainda é a certidão de nascimento do Brasil...
- Primeiramente, não temos quinhentos anos.
- Menos ou mais?
- Olhe, meu amigo, preciso trabalhar; estou cada vez mais sem saco para entrevistas.
- Por que deixou a gente [eu e o fotógrafo carioca Antônio Batalha] chegar até aqui, então?
- Você insistiu muito...
- O que mais te incomoda em entrevistas?
- Os caras fazem as mesmas perguntas de sempre, e o modo como me folclorizam.
- Pode nos mandar embora daqui, se quiser.
- Mas sou um sujeito que não sabe dizer não. Vamos, vamos começar. Diga o que pretende.
- No escritório de seu apartamento no Leblon, Rio, entre incontáveis ações tabagísticas, João Ubaldo estava nitidamente entediado. Sua paciência andava por um fio. O assédio de aspirantes a escritores, formandos do curso de letras, embaixadores culturais, entrevistadores, profusões de e-mails de leitores, não-leitores e intercambiadores de abobrinhas têm-lhe aborrecido como nunca.
- A tudo isso soma-se agora outro assunto em voga, diante do qual o autor se arrepiava todo: as comemorações dos quinhentos anos do Brasil e as especulações em torno da identidade nacional. João Ubaldo costuma ser enfático quanto a isso. Certa vez, durante seminário na Alemanha, surgiu o (falso) problema da identidade brasileira.
- E aquela conversa fiada não acabava. Quando chegou minha vez, eu disse: “No Brasil não temos esse problema”.
- Os interlocutores — alemães, em sua maioria — devem ter ficado intrigados.
- Nós temos isso aqui, eu disse, mostrando meu RG. Acabou o debate (VILAS BOAS, 2003, p. 53-54).

O entendimento do mundo sob a ótica do outro e a geração da empatia também fazem parte da substância que constitui as boas reportagens-perfil. Um exemplo é a reportagem “O Nascimento de Joicy”, da jornalista Fabiana Moraes, que posteriormente se tornou um livro-reportagem homônimo, onde ela inclui, além do texto que a tornou ganhadora do Prêmio Esso de Jornalismo, sua própria experiência ao conviver com a personagem e um capítulo onde defende a presença da subjetividade nos textos jornalísticos.

Abaixo, destacamos o texto introdutório da reportagem-perfil “O Nascimento de Joicy”, em que a autora mergulha no cotidiano da mulher transexual Joicy, perpassando pela sua luta até que fosse realizada sua cirurgia de redesignação sexual — pela qual se tornou, a partir da adequação do seu órgão genital ao gênero pelo qual se identificava, a mulher que sempre foi —, os preconceitos sofridos e a pobreza de seu dia-a-dia:

Joicy Melo da Silva nasceu no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava 74 quilos e media 1,63 metro de altura. Naquele dia, mais sete partos foram realizados no Hospital das Clínicas, na Cidade Universitária, Recife. O de Joicy foi sem dúvida o mais complicado de todos: durou quase sete anos e envolveu uma série de especialistas. Três deles estavam no exato momento no qual ela veio ao mundo. O primeiro a chegar ao bloco cirúrgico saiu de casa às 7h, sem tomar café da manhã. Sabia que, como médico, tinha que mudar tal hábito. Outro atravessou entre aborrecido e resignado o engarrafamento de todos os dias. Havia sempre uma multidão de carros entre sua casa, na Zona Norte, e o hospital onde, no saguão, sempre há alguém desesperado. O último, que mora perto do mar, visitou a paciente um dia antes. Tinha que conferir se ela realmente estava bem para vir ao mundo. Quando Joicy nasceu, morreu João Batista, 51 anos, filho de Irene (83, viva) e Eupídio Luiz (77, enterrado). Foram os dois que ensinaram o garoto a plantar milho, mandioca, feijão.

Moravam na caatinga, no Campo do Magé, área rural de Alagoinha (13.761 habitantes, 225 quilômetros da capital). Não poderiam prever que, décadas depois, o filho iria usar esmalte cor rosa-pitanga e sofrer por um rapaz enquanto ouvia música de novela. Não sabiam que ali na roça quem os ajudava era uma menina. Aí o chamavam de João. João que sempre foi muito zeloso, João que nunca deu trabalho, João que até plantou um jardim ao lado da casa. Só para eles esse menino deixou saudade – há tempos Joicy sabia que ele existia apenas aparentemente. Foi por isso que decidiu, apesar do olhar triste e reprovador da mãe, findar com ele. Um dia, deitou-se em uma maca e dormiu. Ali matou João. Ali nasceu Joicy. Seus primeiros dias no mundo serão contados aqui (MORAES, 2015, p. 31-32).

Poucas reportagens que lemos em nosso dia a dia são reveladoras como aquelas em que os jornalistas optam por escrever um perfil do seu entrevistado. Não só as respostas interessam, mas as maneiras que o entrevistado responde, o que o motiva a responder de determinados modos, a influência do ambiente, do estado emocional, do contexto social em que está inserido, enfim... São tipos de textos que fazem falta no jornalismo atual, o que pode fazer com que se pense que o gênero se trata de um estilo novo de escrever. No entanto, o perfil é um tipo de reportagem que teve seu auge há décadas, mas que devido a transformações sociais e mercadológicas perdeu um pouco do seu espaço.

1.3 UM POUCO DA HISTORIA DA REPORTAGEM-PERFIL NO BRASIL

Em seu livro “Perfis e como escrevê-los”, Vilas Boas (2003, p.22) faz um resgate histórico dos perfis, explicando que há dois séculos, ao menos, esse tipo de reportagem aparece no jornalismo. Contudo, segundo o autor, só foi algo mais intensificado na década de 1930, com foco especialmente em celebridades de segmentos de destaque da sociedade, como esportes, negócios, política e artes: “Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável” (VILAS BOAS, 2003, p. 22).

Revistas norte-americanas como *Vanity Fair*, *The New Yorker*, *Life*, *Esquire* e *Harper's*, além de outras, tiveram, de acordo com Vilas Boas (2003, p.22) como sua marca as reportagens do gênero perfil. No entanto, segundo o autor, “talvez pelo espaço que reservava aos perfis, a revista *The New Yorker*, fundada em 1925, tenha ficado com o crédito de precursora do gênero” (idem).

A utilização de perfis e outros gêneros jornalísticos contribuíram para que na década de 1960 surgisse, nos Estados Unidos, o movimento chamado *New Journalism*, traduzido para o português como Novo Jornalismo. Tom Wolfe, um dos jornalistas símbolo dessa efervescência criativa estadunidense, conta em seu livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, suas impressões sobre esse período:

(...) no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance. *Como* um romance, se é que me entendem. Era a mais sincera forma de homenagem a O Romance e àqueles grandes, os romancistas, claro. Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento de que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre. (...) Eram sonhadores, claro, mas uma coisa eles nunca sonharam. Nunca sonharam com a ironia que vinha vindo. Nunca desconfiaram nem por um minuto que o trabalho que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento da literatura (WOLFE, 2005, p. 19).

E falando das possibilidades de uso de ferramentas da Literatura em sua própria experiência não-intencional com o Novo Jornalismo, ao escrever seu primeiro artigo para uma revista, em 1963, Wolfe descobriu que: “(...) é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor” (WOLFE, 2005, p. 28).

Um exemplo de texto típico da época do Novo Jornalismo é a sua reportagem “A Garota do Ano”, escrita originalmente na década de 1960, que consiste em um perfil sobre a socialite Jane Holzer, uma celebridade da época nos Estados Unidos. Segue, abaixo, o trecho inicial da reportagem, onde, num átimo descritivo e desprovido de vírgulas, Wolfe parece “entrar” na cabeça de sua perfilada:

Jubas franjadas ninhos bufantes bonés de Beatle carinhas de criança cílios postiços olhos de decalque suéter estufado sutiãs de ponta franceses blue jeans de couro batido calças de stretch bumbuns de néctar botas de duende até as canelas sapatilhas de bailarina Knight, centenas deles, desses brotinhos flamejantes, pulando e gritando, revoando pelo Auditório da Academia de Música debaixo daquele vasto e velho teto abobodado de querubins embolorados lá em cima – eles não são supermaravilhosos? (WOLFE, 2005, p. 137).

Em outro trecho da mesma reportagem, Tom Wolfe descreve sua perfilada, e evidencia, valorizando detalhes normalmente negligenciados pelo jornalismo tradicional:

Jane Holzer — em resumo, é glamour, de um tipo muito específico de Nova York. Com seu enorme halo de cabelos e o nariz estreito e comprido, Jane Holzer pode ser bem bonita, mas nunca aparece como Uma Beldade. “Tem gente que olha minhas fotos e diz que eu pareço muito madura e sofisticada”, diz Jane. “Tem gente que diz que eu pareço criança, sabe?, Baby Jane. E, bom, quer dizer, não sei que aparência eu tenho, acho que é apenas judia 1964.” Ela não tenta aparecer como sexy. Sua excitação é outra coisa. É quase excitação pura. É a excitação do Novo Estilo, do Novo Chique. A imprensa vê Jane Holzer como se ela fosse um lindo exemplar de... radar. Como se todo aquele seu halo ciliado fosse se expandir em forma de uma antena para as novas ondas do estilo. Para os editores de revistas, colunistas de jornal, fotógrafos e diretores de arte, de repente ali está uma garota extravagante e única, que resume na Garota do Ano tudo o que há de novo e chique na moda (WOLFE, 2005, p. 143-144).

Na mesma época da “febre” do Novo Jornalismo nos Estados Unidos, ocorrida na década de 1960, no Brasil foram as revistas Realidade e Cruzeiro que mais deram abertura ao perfil, segundo aponta Vilas Boas (2003, p. 22). No entanto, entre as razões para que esse tipo de matéria tenha sido reprimida está o Ato Institucional número 5 (AI-5)⁸, decretado pelo regime militar em 1968, estabelecendo a censura e a repressão a cidadãos e à imprensa, com o intuito de eliminar qualquer manifestação de oposição ao regime. Para elucidar sobre como eram os textos, o autor toma como exemplo a revista Realidade:

⁸ Na Ditadura Militar no Brasil foi a decretação o Ato Institucional Número 5 (AI - 5) que cerceou a liberdade dos cidadãos, especialmente se se opusessem ao regime, e, conseqüentemente, da imprensa. Em seu livro “Ditadura Envergonhada - volume I”, o jornalista e escritor Elio Gaspari narra como foi o dia seguinte ao Decreto, feito em 13 de dezembro de 1968, para a imprensa: “As emissoras de televisão, as rádios e as redações de jornais foram ocupadas por censores recrutados na polícia e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Pela primeira vez desde 1937 e pela quinta vez na história do Brasil, o Congresso era fechado por tempo indeterminado. O Ato era uma reedição dos conceitos trazidos para o léxico político em 1964” (GASPARI, 2002, p. 341)

A excelência em perfis no Brasil foi impressa pela já mencionada revista *Realidade* em sua época áurea (1966-1968). Chamo a atenção para as seguintes características dos textos biográficos de *Realidade*: imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana (VILAS BOAS, 2003, p. 24).

Até os dias de hoje, a época da revista *Realidade*, com suas reportagens que alcançavam o âmago da subjetividade humana, não retornou após a Ditadura. O Jornalismo Literário, segundo Vilas Boas (2003), perdeu força, espaço, incentivo e recursos nas redações brasileiras: “Os raros perfis que tenho visto (...) representam uma quase-negação dos valores humanistas que pautavam as reportagens de quarenta anos atrás. O que aparece nas revistas de hoje não são as sutilezas do encontro, a pessoa por trás do mito ou a capacidade de observação do autor” (VILAS BOAS, 2003, p. 28). O autor ainda vai mais longe explicando que “o que emergem são intrigas de bastidores, a invasão consentida, estimulada e premeditada da privacidade, a preocupação de alguns jornalistas com o próprio marketing pessoal e o sedutor ofício de caricaturar gente bonita que ‘passa’ na TV” (VILAS BOAS, 2003).

Apesar da visão pouco otimista do autor, ainda há alguns respiros do perfil em reportagens dos jornais diários, mas também em livros-reportagem. Exemplos disso são obras como “Os Sertões” (2010), de Fabiana Moraes, e “Presos Que Menstruam” (2015), de Nana Queiroz. Em ambos os livros, as autoras mostram com riqueza retratos de duas realidades — no primeiro caso, a dos sertanejos em toda a sua multiplicidade de personalidades e vivências; no segundo caso, a de mulheres presas, levantando aspectos como a maternidade e as relações amorosas nas cadeias — demonstrando, enfim, os aspectos brutais sobre como é ser mulher e estar atrás das grades.

Obras como as das autoras acima demonstram que o livro-reportagem pode ser uma alternativa para que os perfis ganhem notoriedade, atingindo, por vezes, maior público do que no jornal diário. No próximo item, veremos conceitos relativos a livro-reportagem e sua relação com o perfil.

1.4 LIVRO-REPORTAGEM-PERFIL

O conceito de livro-reportagem é uma das contribuições que o pesquisador Edvaldo Pereira Lima traz em sua obra mais conhecida — *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Em seu trabalho, Lima chega a “Um conceito em

progresso do livro-reportagem” (LIMA, 2004, p. 26), frase que intitula o quinto tópico do primeiro capítulo de seu livro:

(...) o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado — quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos —, quer no aspecto extensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 2004, p. 26).

Eduardo Belo também propõe um conceito mais informal de livro-reportagem, mas ainda com certo rigor, que se aproxima do acadêmico:

(...) livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica — com a exceção possível do documentário audiovisual — em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa (BELO, 2006, p. 41).

Com a riqueza das possibilidades de usos da narrativa, da construção textual, de interação com os entrevistados e dos acontecimentos que podem ser abordados, entre outras características, não é difícil imaginar a existência de variados tipos de livro-reportagem. Lima (2004, p. 51) propõe uma classificação em tipos de livro-reportagem, colocando-os em 13 categorias, que se diferenciam por “linha temática” e “modelos de tratamento narrativo”. O critério do autor para elaborar essas especificações reside nos elementos “objetivo particular” e a “natureza do tema” abordados na obra.

A categoria que se encaixa para o trabalho que propomos com o produto “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa” é a que diz respeito ao “livro-reportagem-perfil”, que trata de revelar aspectos da vida/trajetória de uma ou mais pessoas. Segundo afirma Lima (2004), a faceta humana do entrevistado é o foco desse tipo de publicação:

Livro-reportagem-perfil

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma variante dessa modalidade é o *livro-reportagem biografia*, quando um jornalista, na qualidade de *ghostwriter* ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente. Exemplifica essa linha *Yeager*, de Chuck Yeager e Leo Janos, que conta a vida do piloto de testes que foi o primeiro homem a voar mais rápido que o som (LIMA, 2004, p. 51-52).

O livro-reportagem-perfil, dessa forma, é uma obra que abarca a subjetividade, os instantes de seu ou de seus personagens. E, no caso do livro que escrevemos, “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, mostramos cinco histórias de pessoas — que não são personalidades públicas —, mas que têm em comum a mesma condição genética (síndrome de Down) e a partir desses relatos buscamos mostrar como essas pessoas vêem e vivem seu cotidiano.

A escolha do tema desse livro-reportagem-perfil, é claro, não foi fortuita. As razões de minha escolha — subjetivas, como os próprios relatos são no jornalismo, mesmo que não tenham essa “aparência” — são explicitadas no próximo capítulo.

2 A SÍNDROME DE DOWN

2.1 POR QUE DECIDI ESCREVER

Sergio Vilas Boas, em seu livro “Biografismo⁹ - Reflexões sobre as escritas da vida” (2008), reflete sobre narrativas biográficas por meio de seis tópicos: Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo. No entanto, para o nosso estudo e justificar os motivos da nossa escolha por esse tema, destrincharemos mais sobre Transparência, o penúltimo ponto abordado por Vilas Boas no seu livro.

Dessa forma, no quesito Transparência, Vilas Boas faz uma proposta para que os biógrafos se mostrem em seus textos (2008, p. 11), dedicando um capítulo sobre esse assunto e refletindo sobre a sua importância, apesar “(...) de a maioria dos biógrafos não compartilhar com os leitores seus processos intelectuais e perceptivos” (p. 179). O autor, inclusive, revela alguns dos seus questionamentos sobre o assunto enquanto escrevia:

Durante algum tempo, enquanto escrevia este livro, me perguntei: por que os biógrafos devem ser transparentes? A primeira coisa que me veio à cabeça foi: porque compõem, com seus personagens, um subjetivo jogo de espelhos que ultrapassa os fatos e as interpretações que venham a dar-lhes. Mas qual a finalidade de ser transparente? Confesso que, para essa pergunta, não encontrei respostas racionais. Mas sou capaz de reverter a pergunta: “por que não ser transparente?”. Eis a questão (VILAS BOAS, 2008, p. 180).

Eis que agora, escrevendo na primeira pessoa do singular, tomo a última questão de Vilas Boas: “Por que não ser transparente?”. Foram, sem dúvida, razões pessoais que me fizeram escolher o tema “síndrome de Down” e dar início a este trabalho. Tais motivações não surgiram a partir de situações de trabalho ou de novidades no mundo jornalístico. Na verdade, é bem mais simples: se originam em casa, na família a qual pertencço.

Porém, não foi logo na primeira tentativa. Meu projeto era um pouco diferente deste, mais voltado para deficiência intelectual no geral e redes sociais na internet. E foi numa das várias conversas que tive com minha professora orientadora, Gloria Rabay, que decidi que falaria, sim, sobre síndrome de Down e faria isso num livro-reportagem-perfil.

Sobre a questão familiar, no entanto, devo explicar que sou a caçula de três filhas e a minha irmã do meio tem síndrome de Down. Talvez, de fato, essa proximidade com um dos

⁹ Apesar de o autor se referir mais especificamente a “biografias”, entendemos que o perfil, assim como afirma Edvaldo Pereira Lima, é uma “matéria biográfica” (LIMA, 2002) e, assim, enxergamos que há a possibilidade de aplicar, até certo ponto, algumas constatações de Vilas Boas (2008) ao presente trabalho.

meus personagens tenha, no fim das contas, deixado as coisas mais difíceis. No entanto, isso não importa para mim, mesmo porque essa dificuldade sentida inicialmente fez com que eu enxergasse as possibilidades e, no fim, percebi que história boa eu tinha embaixo do meu nariz. E foi a história dela, da minha irmã Cybelli, que apresentei no meu Exame de Qualificação. Agora, após finalizar relatório e o livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, apresento mais quatro perfis além do dela.

Porém, preciso dizer que a primeira reportagem-perfil, feita com minha irmã, foi um texto em que também contei muito sobre mim mesma. E, entre linhas escritas e reescritas, surgiu uma outra dúvida: ao escrever a reportagem, poderia eu me revelar nessa história, tão entranhada em mim, por ser também um pouco da minha própria vida? Após começar a escrever, percebi que mesmo que eu tentasse não escaparia da transparência, mesmo porque, como o relato seria tão verossímil se eu, na minha condição de irmã de um dos entrevistados, não me revelasse? Então, repito as palavras de Vilas Boas (2008): “por que não ser transparente?”. O autor, inclusive, reitera que nada impede que o biógrafo se mostre em sua narrativa:

Ora, não existe nenhuma regra declarada ou subentendida que impeça o biógrafo de dar transparência à sua narrativa pela inclusão (pertinente, sensata, comedida) de suas dúvidas, suas escolhas, seus conflitos, seus impasses, suas vivências ao longo da jornada biográfica; dizer, por exemplo, como chegou lá e até onde pôde chegar por causa disso ou daquilo. Mas não uma ou duas linhas no prólogo. Refiro-me a expor-se no contexto do que se narra, a fim de imprimir franqueza e liberdade de espírito (VILAS BOAS, 2008, p. 180).

Eu me expus no texto sobre minha irmã. Optei pelo uso da primeira pessoa do singular ao narrar e escrevi colocando meus pontos de vista (opiniões claras de uma irmã) sobre personalidade e os mais variados acontecimentos da trajetória dessa minha tão próxima entrevistada. Me coloquei na narrativa também, até porque fatos das nossas vidas, principalmente na infância e na adolescência, se cruzavam e alguns deles estavam totalmente ligados. Posteriormente, em minhas pesquisas, acabei descobrindo o livro “Mano Down: relatos de um irmão apaixonado” (2012) em que o autor fala sobre sua relação com seu irmão, um rapaz com síndrome de Down. É possível, ao ler a obra, enxergar um pouco das visões de mundo de ambos. Não se trata de uma reportagem, mas confirmou o meu entendimento de que a transparência é essencial para o perfil e textos de caráter biográfico.

Essa mesma transparência também tive com os perfis dos meus outros entrevistados com síndrome de Down, pessoas que conheço há algum tempo, devido à amizade com minha irmã e a participação de atividades em comum direcionadas para pessoas com síndrome de

Down. Estou presente no texto, sim, e não utilizo subterfúgios para “anular” minha voz, da mesma forma em que estava presente nas entrevistas.

Entretanto, diferentemente do texto sobre Cybelli, minha irmã, em que o contexto familiar e os anos de convivência se refletiram na narrativa, nos outros perfis eu apareci um pouco menos, me utilizando mais da observação (prévia e durante a entrevista), dos momentos em que os encontrava socialmente e das informações dadas tanto pelos entrevistados quanto por suas mães. A observação está entre os procedimentos metodológicos que utilizei para chegar ao produto final, o livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O intuito deste trabalho é dar conta de todo o procedimento para se chegar ao produto que hoje temos, que é um livro-reportagem-perfil sobre cinco personagens com síndrome de Down residentes em João Pessoa (PB). Anteriormente, foi apresentada no exame de Qualificação uma versão parcial deste relatório, em que foram relatados os caminhos até que fosse escrita a primeira reportagem-perfil.

Remontando ao início do processo que deu origem ao produto e a este relatório, já vinha sendo feito um levantamento bibliográfico, mesmo antes da escolha do tema síndrome de Down, sobre deficiência intelectual no geral, biografias e reportagens-perfil. Quando decidimos que faríamos um livro-reportagem, comecei a incluir leituras sobre o assunto, além de materiais sobre entrevistas e a metodologia etnográfica de pesquisa. Dessa forma, inicialmente segui o procedimento da pesquisa bibliográfica que, segundo Stumpf (2005), pode ser compreendido da seguinte maneira:

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. Por vezes, trata-se da única técnica utilizada na elaboração de um trabalho acadêmico, como na apresentação de um trabalho final de uma disciplina, mas pode também ser a etapa fundamental e primeira de uma pesquisa que utiliza dados empíricos, quando seu produto recebe a denominação de Referencial Teórico, Revisão de Literatura ou similar (STUMPF, 2005, p. 51).

Após uma leitura sistemática, selecionei entre diversos autores aqueles que foram verdadeiros guias na pesquisa. Para a construção do relatório, apoiei meus estudos nos seguintes autores: Medina (2003), Moraes (2015), Maia (2006) e Wolfe (2005), que contribuíram no campo da construção de narrativas e da subjetividade; Vilas Boas (2003; 2008; 2014), Lima (2002; 2004), Schmidt (1997) e Belo (2006), que basearam meu entendimento sobre reportagem-perfil, biografia e histórias de vida; e, por fim, Lima (2004), Medina (1986) e Lago (2007) foram um suporte para o entendimento sobre observação participante e entrevistas.

Já em relação ao livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, para os debates que envolveram síndrome de Down e Inclusão, consultei: Gontijo (2012), Werneck (1992), Mustacchi (2009), Angélico (2004), Castelão et al (2003), Gomes (2014), Gomes-Machado; Chiari (2009), Leite; Lorentz (2011), López Melero (2004), Luiz; Kubo (2007), Marques (2008), Moreira; Gusmão (2002), Nahas et al (2012), Pires et al (2007), Saad (2003) e Silva; Dessen (2002, 2003).

2.2.1 Observação participante

Para a criação do livro-reportagem-perfil, decidi me inserir profundamente em ambientes que minha irmã e seus amigos com síndrome de Down frequentam. Comecei a frequentar mais os encontros e eventos realizados pela Associação Ame Down, da qual minha irmã e mãe fazem parte. Trata-se de um grupo de pessoas que abarca pais de indivíduos com síndrome de Down e as próprias pessoas que apresentam a alteração genética, promovendo passeios, festas e palestras, buscando o lazer, a divulgação e a informação sobre a síndrome de Down.

Em outras palavras, antes eu observava e participava com a mente e os olhos de uma irmã; já com o início, eu assumi o papel de pesquisadora utilizando a metodologia etnográfica, guiada pela chamada observação participante, assim como explica Lago (2007):

A rigor, uma etnografia é o produto de um determinado tipo de trabalho de campo, formatado dentro de uma disciplina específica, a Antropologia. E, para ficarmos no vocábulo, etnografia significa a descrição dos costumes (cultura) dos povos. Ampliando um pouco essa definição, podemos identificar que o produto do trabalho antropológico espera-se seja uma etnografia, entendida por muitos segundo a proposta de Geertz (1988), ou seja, uma descrição densa de determinada cultura, a que tem acesso o antropólogo a partir de um intenso contato com essa cultura, feito em um tipo de trabalho de campo que, por sua vez, tem a observação participante como norteadora (LAGO, 2007, p. 49).

Com o intuito de mergulhar ainda mais e compreender melhor o universo da minha pesquisa, participei de confraternizações, encontros e eventos, como, por exemplo, uma exposição fotográfica que reuniu fotos dos jovens com síndrome de Down do grupo Ame Down. Além disso, estive presente em duas palestras: uma delas tratava das pessoas com a alteração genética que atingiram a maioria e algumas alternativas diante deste fato, como a inserção no mercado; a outra tinha como tema “Garantias dos direitos civis das pessoas com síndrome de Down”, que esclareceu como atualmente se configuram, segundo a Lei, os direitos desses indivíduos.

Além de observar, procurei, antes de partir para as entrevistas, conversar mais com jovens com a síndrome e seus pais. Nesse sentido, pratiquei a observação participante assim como é proposta por Lago (2007):

(...) a observação participante pode ser relacionada ao procedimento do antropólogo de “sair” de sua cultura e vivenciar a cultura do grupo que estuda — o objetivo é enfronhar-se de tal forma na vida dos grupos estudados a ponto de poder assimilar de alguma forma sua cultura, que poderá assim ser descrita. Também objetiva um processo de ser aceito pelo grupo. Funciona, portanto, em duas vias: despir-se de sua própria cultura e perceber a cultura do outro (LAGO, 2007, p. 51).

Tal qual a ebulição dos perfis no jornalismo, o ápice da utilização do procedimento da observação participante em livros-reportagens, segundo Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 121) também ocorreu com o surgimento do movimento do Novo Jornalismo, nos Estados Unidos: “Sentir, perceber, emocionar, usar o potencial sensorial do corpo era a ordem dos novos tempos” (LIMA, 2004, p. 122).

A época efervescente do Novo Jornalismo passou, porém o autor não considera que ocorreu um distanciamento entre a observação participante e o livro-reportagem: “Ao contrário, transformou-se, amenizou-se um pouco, talvez. Continua presente, porém, sendo normalmente empregada com maior soltura do que na reportagem dos periódicos” (LIMA, 2004, 125-126). Essa liberdade evidenciada pelo autor pôde ser sentida durante a realização desta pesquisa, já que o tempo investido nas várias visitas aos locais frequentados pelos meus entrevistados, nos olhares atentos e nas conversas informais jamais seria o mesmo se eu estivesse escrevendo textos com prazos de entrega extremamente curtos, como ocorre no jornal diário.

2.2.2 Entrevistas

Nesta pesquisa, a observação participante serviu como ponto de apoio norteador para as reportagens que fazem parte do livro-reportagem-perfil. No entanto, o que definiu o ritmo das reportagens foram as entrevistas (tanto com os personagens, como com as suas mães), que foram devidamente autorizadas por escrito pelos entrevistados/responsáveis legais. Todos foram entrevistados por meio de gravador, ao mesmo tempo em que fiz anotações complementares.

Num primeiro momento escrevi um roteiro de entrevistas (que pode ser visto ao final deste relatório, em formato de Apêndice) sob quatro pilares — talento, instituições que frequentou/frequenta, preconceito e família — entre os quais foi distribuído um total de doze perguntas. Esse esquema foi útil até certo ponto para a primeira entrevista, mas à medida que fazia as outras entrevistas, tive que realizar adaptações e questões improvisadas. Isso foi mais uma lição da força da subjetividade dos relatos: eu não poderia e nem deveria tentar confiná-los a uma estrutura prévia de perguntas. Eu estava ali para me surpreender, me emocionar, sorrir... ou seja, sentir.

Assim, minhas entrevistas, mesmo que no início eu as iniciasse obedecendo a uma sequência determinada previamente, acabaram se tornando diálogos, o que foi enriquecedor para mim e muito mais interessantes para meus perfilados. Assim, dentro da classificação de tipos de entrevistas feita por Edgar Morin (1973, *apud* Medina, 1986, p. 14-15), é possível afirmar que fiz as chamadas entrevistas-diálogo, de acordo com o que o autor afirma: “Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema” (MORIN, 1973 *apud* MEDINA, 1986, p. 15).

Edgar Morin (1973) separa os tipos de entrevistas em quatro, mas Medina (1986) propõe separar as entrevistas conforme suas tendências, classificando dois tipos de subgêneros: “Numa classificação sintética da entrevista na comunicação coletiva, distinguem-se dois grupos: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo” (MEDINA, 1986, p. 14).

Assim, entre as entrevistas que propõem um mergulho nas possibilidades humanas, destaca-se o “Perfil humanizado” que é, segundo Cremilda Medina (1986, p. 18), “(...) uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida”.

Tomando conceitos tão próximos como a entrevista-diálogo e o perfil humanizado, minha experiência ao conversar com meus entrevistados aponta para uma convergência entre o diálogo de Morin (1973) e a imersão no outro, proposta por Medina (1986). O mergulho nos personagens só foi possível, realmente, quando as amarras em esquemas prévios às quais inicialmente tentei me apegar foram desatadas.

2.3 PASSO A PASSO PARA O PRODUTO FINAL (LIVRO-REPORTAGEM)

A ideia para o meu trabalho final de Mestrado era bem diferente do produto que hoje apresentamos, que é o livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”. No fim de 2014, época da seleção do Mestrado, apresentei um projeto que propunha um site com reportagens-perfil sobre pessoas com deficiência intelectual.

No entanto, a partir do início das aulas e dos encontros com minha professora orientadora, continuei com a vontade de escrever perfis, não mais em uma plataforma digital, mas sim em um livro-reportagem. Além disso, meu objeto de estudo, que consistia em pessoas com deficiência intelectual no geral, passou a ser indivíduos com síndrome de Down. A partir daí, deixei um pouco de lado as pesquisas que fiz relativas a plataformas digitais, como sites e redes sociais, para me debruçar sobre as questões acerca de livro-reportagem, Jornalismo Literário, Jornalismo Interpretativo, entre outros assuntos correlatos.

Em março do ano de 2016, com a aproximação do exame de Qualificação, decidi apresentar a primeira reportagem-perfil e um relatório parcial da pesquisa. Assim, comecei a redação do relatório e no mês seguinte do mesmo ano realizei a primeira entrevista. A personagem escolhida foi minha irmã Cybelli e, pelo nosso vínculo familiar, o perfil dela se diferenciou dos outros pela intensidade do entrelaçamento de histórias de entrevistada e entrevistadora. Neste texto, destacaram-se, além dos fatos ocorridos em família, o amor de Cybelli pela música, seu sonho em ser famosa e, numa volta ao passado, como foi dada pelos médicos a notícia de que ela tinha síndrome de Down.

Assim, com o relatório parcial e a reportagem-perfil sobre Cybelli pronta, realizei, no fim do mês de setembro de 2016 o meu Exame de Qualificação. Após a apresentação, a banca fez observações que diziam respeito à forma, ao arcabouço teórico e estruturas de escrita, sugerindo leituras e modificações. Com a aprovação da banca, segui para fazer correções e dar continuidade às entrevistas, relatório e perfis.

No mês de outubro de 2016, finalizei as entrevistas restantes — quatro realizadas com pessoas com síndromes de Down, vários outros diálogos com as mães de cada um dos entrevistados e um questionário feita à coordenadora dos projetos fonoaudiológicos e pedagógicos que os personagens estão inseridos — por meio de gravador de voz, e, paralelamente, dei continuidade ao relatório.

Do final do ano de 2016 até maio de 2017 fiz as transcrições das entrevistas, escrevi as reportagens-perfil e, com auxílio da minha professora orientadora, pesquisei e acrescentei informações provenientes de estudos dos mais variados aspectos relativos a pessoas com síndrome de Down (como sexualidade, mercado de trabalho, inclusão e preconceito, entre outros) estabelecendo relações com momentos vivenciados por meus entrevistados. Ao finalizar os perfis, escrevi a introdução e um pequeno capítulo final.

Com base nas sugestões da Banca de Qualificação e com as alterações próprias do desenvolvimento da pesquisa, realizei, em seguida, modificações no relatório. Nesta nova versão foram incluídas mais informações teóricas e o passo a passo do que foi feito após o exame ocorrido em setembro de 2016.

2.3.1 Estrutura do livro-reportagem

O produto jornalístico descrito neste relatório é composto por um texto introdutório, cinco reportagens-perfil, um capítulo de conclusão e, ao final, a lista das referências consultadas. O primeiro capítulo do livro (Introdução) é dividido da seguinte maneira:

Introdução

Os motivos da escolha

Síndrome de Down: o que é

Um pouco de história

Síndrome de Down em números

As reportagens

Neste primeiro capítulo do livro-reportagem “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa” explicito as motivações para escrever sobre pessoas com síndrome de Down, contextualizei a condição genética, explicando do que se tratava — apoiando meu texto na história e nas estatísticas/estimativas sobre o número de

peessoas com SD no estado da Paraíba, recorrendo a dados estatísticos oficiais, notícias, sites acadêmicos, cartilhas e autores como Werneck (1992) e Silva e Dessen (2002).

Os cinco capítulos seguintes correspondem às reportagens-perfil realizadas com Cybelli, Djalma Júnior, Messias, Raquel e Gabriella. Cada perfil é antecedido por uma foto do entrevistado, de arquivo pessoal. Os textos estão dispostos no sumário do livro da seguinte maneira:

Música no coração: minha irmã Cybelli

Origens

A primeira reportagem-perfil é sobre minha irmã Cybelli, uma mulher que ama música e o cantor sertanejo Zezé di Camargo. Ela toca pandeiro e sonha em ser famosa. Neste texto, em particular, é o que mais me revelou, já que os relatos são parte do que somos, da nossa família.

O charme de um jovem esportista: Djalma Júnior

Amor filial

Malhar, se capacitar e usar a internet

A sexualidade

O desafio de estudar

No segundo perfil, conto a história de Djalma Júnior, um jovem de maneiras encantadoras, atlético e um galanteador nato. Neste texto debato, a sexualidade das pessoas com síndrome de Down, questionando o tabu do relacionamento amoroso e do sexo entre indivíduos com a condição genética. Para isso me apoio nos autores Castelão et al (2003), Moreira; Gusmão (2002) e Luiz; Kubo (2007).

Seu coração é do funk, mas também de uma garota: Messias

Ser diferente na escola

Sonhos e referências familiares

Entre novelas, filmes e videogames

Nesta reportagem-perfil, o protagonista é o adolescente Messias, que sonha em cantar funk e é apaixonado por uma colega de escola. No texto, o garoto relata uma situação de preconceito sofrida na escola, o que motivou um debate sobre inclusão. Seu gosto por televisão

também foi um gancho para uma discussão rápida sobre lazer e síndrome de Down. Os autores que embasaram a argumentação foram: Saad (2003), López Melero (2004), Silva e Dessen (2003), Angélico (2004), Marques (2008) e Gomes (2014).

Por trás do escudo, só amor: Raquel

Síndrome de Down e trabalho

A profissão dos sonhos

Família é tudo

Fora do seio familiar, o medo

Evitando a frustração e a dor

Na quarta reportagem-perfil escrevo sobre a jovem Raquel, uma mulher tímida, bondosa e apegada à família. Ela trabalha num pequeno negócio gerido por familiares, mas, apesar de gostar do que faz, ela sonha mesmo em ser massoterapeuta. A experiência da jovem exercendo uma função numa pequena empresa estimulou o debate sobre a inclusão de pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho. Neste capítulo, contribuíram para o debate os seguintes autores: Leite; Lorentz (2011), Pires et al (2007) e Gomes-Machado; Chiari (2009).

A independência e o otimismo de Gabi

Sonhos: realizados e realizáveis

Uma garota multifacetada

O assalto e o preconceito

O presente

O quinto capítulo traz o perfil de Gabriella (Gabi), uma garota de 16 anos muito otimista. Ela me contou de sua festa de 15 anos, do dia em que conheceu seu ídolo da música e dos vários sonhos que quer realizar. Também se abriu para falar de assuntos difíceis, como o assalto que sofreu e sua decepção amorosa, mas não desanima diante das coisas ruins. Ela está concluindo o Ensino Fundamental e já está até fazendo simulados do Exame Nacional do Ensino Médio. Apesar disso, ela ainda não tem certeza da profissão que quer seguir no futuro.

A oportunidade que tive

No último capítulo, conto, resumidamente, como foi a experiência de observar, entrevistar e escrever perfis sobre pessoas com síndrome de Down.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de realizar uma prática jornalística que não seja a convencional, obediente a padrões limitantes, é transformadora. O resgate da reportagem-perfil, do livro-reportagem e a chance de levar ao público um tema tão importante quanto a síndrome de Down me proporcionaram um reencontro com o sentido da própria profissão. Isso porque quando uma minoria social ainda é rodeada de preconceitos e estigmas — produtos da ignorância sobre o outro —, é preciso que haja um debate contínuo proporcionado pelo jornalismo.

Francisco Karam, em seu texto “Jornalismo e futuro: ética e profissão”, de 2004, aponta para a importância de o jornalismo sempre levantar e retomar assuntos relevantes para a humanidade, para o bem das pessoas e para o próprio benefício da profissão:

Ao contar, lembrar, recontar, registrar, debater, polemizar, o jornalismo ajuda a memória coletiva e individual a tornar-se social e histórica, além de contribuir consigo mesmo para que seja, como outras áreas, memória da humanidade. E contribuir para que tal memória constitua referência para a ação, para a opinião, para a democracia e para a constituição da cidadania (KARAM, 2004, p. 251)

O produto jornalístico que é tema deste relatório, o livro-reportagem-perfil “Tão diferentes, tão normais: perfis de pessoas com síndrome de Down em João Pessoa”, foi pensado como uma alternativa à cobertura tradicional da mídia, como uma opção de busca a um relato mais subjetivo e mais fidedigno aos personagens. Tomei como base as entrevistas realizadas, mas também a observação, os elementos do ambiente, a linguagem corporal, entre outras variáveis que ajudam a construir um contexto.

A cobertura convencional midiática, fragmentada, descontextualizada e asséptica não serviria para os propósitos desse livro-reportagem-perfil. Essa maneira de fazer jornalismo ainda secundariza as vozes de quem tem síndrome de Down. É preciso que haja um protagonismo maior dessas pessoas nas matérias jornalísticas, que elas também falem por si e não apenas isso: que suas falas não tenham menor valor que as falas de profissionais e pais.

Nesse sentido, o produto foi realizado também com o objetivo de analisar a visão de mundo construída pelas pessoas com síndrome de Down, não no sentido de defini-las, mas demonstrando que, na sociedade, o normal é ser diferente. Elas têm sonhos, objetivos, obstáculos, dificuldades, talentos e desejos como qualquer outra pessoa. Ter ou não ter uma determinada condição genética é apenas uma das muitas características que fazem parte de um indivíduo. E, em seus relatos, Cybelli, Djalma Júnior, Messias, Raquel e Gabriella demonstraram isso com muita naturalidade.

Dessa forma, o trabalho alcançou os objetivos aos quais se propôs pela possibilidade de se configurar como mais um instrumento de luta das pessoas com síndrome de Down contra o preconceito, pois revelar a subjetividade do outro também gera empatia e leva conhecimento a indivíduos que ainda acreditam que ter deficiência é sinônimo de incapacidade. Além disso, também se mostra como uma alternativa para o jornalismo a percorrer caminhos diferentes, numa tentativa de resgate ao seu compromisso de servir ao público e de ir além dos muros criados pelas fórmulas textuais prontas provenientes das lógicas de mercado.

REFERÊNCIAS

ANGÉLICO, A. P. **Estudo descritivo do repertório de habilidades sociais de adolescentes com síndrome de Down**. 2004. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3074>>. Acesso: 01 maio 2017.

BARIFOUSE, R. 'Trabalhar nos dá independência': como o emprego muda a vida de pessoas com deficiência. **BBC Brasil**, 05 out. 2015. Disponível em: <<http://bbc.in/1UIZC28>>. Acesso: 03 fev. 2016.

BARREIRA, W. G. Guia do Estudante. **A história da censura na imprensa brasileira**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/historia-censura-imprensa-brasileira-678950.shtml>>. Acesso: 18 ago. 2016.

BELO, E. **Livro-Reportagem**, 2006. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 dez. 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 18 ago. 2016.

_____. Ministério da Saúde. **Cuidados de saúde às pessoas com Síndrome de Down**. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidados_saude_pessoas_sindorme_down.pdf. Acesso em: 31 ago. 2016.

_____. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down**. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

CAMPOS, P. C. O fato e a notícia. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270320025.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

CARTILHA do Censo 2010 – Pessoas com deficiência. Disponível em: <<http://bit.ly/1o4gWUI>>. Acesso em 10 set. 2014.

CASTELÃO, T. B.; SCHIAVO, M. R.; JURBERG, P. Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 37, n. 1, p. 32-39, fev. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 06 nov. 2016.

CELESTINO, L. História e jornalismo: aproximações e distanciamentos. In: 8º Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava. **Anais do 8º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20e%20jornalismo%20aproximacoes%20e%20distanciamentos.pdf/view>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CENTRO de Vida Independente do Rio de Janeiro (CVI-Rio). Movimento de Vida Independente. Disponível em: <<http://bit.ly/1qRTUeT>>. Acesso em 15 set. 2014.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Síndrome de Down**: população é consultada para melhor atendimento. Disponível em: <<http://bit.ly/1Tky99V>>. Acesso em 25 jan. 2016.

CORREIA, J.C.; MORAIS, R.; SOUSA, J.C. Agenda dos Cidadãos: Práticas cívicas na Imprensa Regional Portuguesa. **Estudos de Comunicação**, Covilhã, n. 9, maio, 2011. Disponível em: <www.labcom.ubi.pt/publicacoes/201209041014-ec09_2011mai_01.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.

D'ARAÚJO. M. C. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) . **O AI-5**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

DANTAS, D. Jovens com síndrome de Down se superam e vão à luta por emprego. **O DIA**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1RDWCSw>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

DANTAS, T. C. Autoadvocacia & Empoderamento: uma história feminina de ruptura da vulnerabilidade e alcance da condição de sujeito de direito. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 10, n. 10, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1vs4zkJ>>. Acesso em 28 set. 2014.

_____. **Estudo da Autoadvocacia e Empoderamento de Pessoas com Deficiência no Brasil e no Canadá**. João Pessoa, 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2014. [Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Dorziat Barbosa de Mélo].

FALCÃO, G. A imprensa a serviço do golpe: O AI-5 nas páginas da Revista Manchete (1968-1979). In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto. **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa/a-imprensa-a-servico-do-golpe-o-ai-5-nas-paginas-da-revista-manchete-1968-1979>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

GASPARI, H. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARIN, G. Veja diferenças entre definições de classes sociais no Brasil. **G1**, São Paulo, 20 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

GOMES, A. L. L. **Leitores com Síndrome de Down: A Voz que Vem do Coração**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10312>>. Acesso: 01 maio 2017.

GOMES-MACHADO, M. L.; CHIARI, B. M. Estudo das habilidades adaptativas desenvolvidas por jovens com Síndrome de Down incluídos e não incluídos no mercado de trabalho. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 652-661, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29491/31351>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

GONTIJO, L. **Mano Down** – Relatos de um irmão apaixonado. 2ª ed. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.

KARAM, F. J. “Para uma defesa moral do jornalismo e de sua especificidade ética”. In: **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

_____. “Jornalismo e futuro: ética e profissão”. In: **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LAGO, C. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, C.; BENETTI, M (orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LEITE, P. V.; LORENTZ, C. N. Inclusão de pessoas com Síndrome de Down no mercado de trabalho. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 5 n. 1, p.114-129, jul. - dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1672/1878>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

LENE, H. O personagem em destaque. **Observatório da Imprensa**, 26 set. 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Histórias de Vida em Jornalismo Literário Avançado. **Comunicarte**, Campinas, v. 19, n. 25, PUC-CLC, 2002. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

_____. **Páginas Ampliadas** - O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4ª edição. Barueri: Manole, 2008.

LÓPEZ MELERO, M. **Construyendo una escuela sin exclusiones**. Una forma de trabajar con proyectos en el aula. Málaga: Aljibe, 2004.

LUIZ, E. C.; KUBO, O. M. Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 13, n. 2, p. 219-238, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2017.

MAIA, M. R. “A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística”. In **Contracampo: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, 137-150, 2006.

MARQUES, A. C. **O perfil do estilo de vida de pessoas com síndrome de Down e normas para avaliação da aptidão física**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15289>>. Acesso: 01 maio 2017.

MEDINA, C. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A arte de tecer o presente – Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, J. M. O que é jornalismo? É possível entender através dos gêneros [07 maio 2008]. Lia Seixas. **Blog Gêneros Jornalísticos**, maio 2008. Blog. Disponível em: <<http://generos-jornalisticos.blogspot.com.br/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender.html>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

MORAES, F. **Os sertões: um livro-reportagem de Fabiana Moraes**. Recife: Cepe, 2010.

_____. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MOREIRA, L.; GUSMÃO, F. Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 94-99, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2017.

MOVIMENTO Down. Disponível em: <<http://bit.ly/1qRUPf2>>. Acesso em 15 set. 2014.

_____. **10 coisas que todo mundo precisa saber sobre síndrome de Down**. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital_bx.pdf>. Acesso em 31 ago. 2016.

MUSTACCHI, Z (org). **Guia do bebê com síndrome de Down**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Associação mais 1, 2009.

NAHAS, M. V.; DE BARROS, M. V. G.; VALDETE ROSA, J. O estilo de vida das pessoas com Síndrome de Down em Santa Catarina. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 4, n. 1, p. 13-19, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/view/1017/1182>>. Acesso: 03 maio 2017.

PIRES, A. B. M.; Bonfim, D.; Bianchi, L. C. A. P. Inclusão social da pessoa com Síndrome de Down: uma questão de profissionalização. **Arq. ciênc. saúde**, São José do Rio Preto, v. 14, n. 4, p. 203-210, out.-dez. 2007. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-14-4/ID237.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

QUEIROZ, N. **Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres — tratadas como homens — nas prisões brasileiras.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

REDAÇÃO. Atleta da Capital não se intimida com Síndrome de Down e se destaca no boxe. **Portal Correio**, Paraíba, 08 jan. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1SzenUQ>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SAAD, S. N. Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, n. 1, p. 57-78, 2003. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista9numero1pdf/6saad.pdf>. Acesso: 05 abr 2017.

SCHMIDT, B. B. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-22, jul. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>>. Acesso em: 08 Jul. 2017.

SEIXAS, L. **Redefinindo gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.** Covilhã: LabCom Books, 2009.

SILVA, A. T. P. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. **Revista Temática**, Paraíba, Ano V, n. 10, out., 2009. Disponível em: <http://insite.pro.br/2009/Outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, Curitiba, dez. 2002. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

_____. Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 503-514, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a09.pdf>>. Acesso: 28 abr 2017.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, J.; BARROS, A (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

TEZZA, C. **O filho eterno.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

UOL. Aluno com síndrome de Down conclui faculdade com TCC nota 10. **UOL.** 10 dez. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/10/aluno-com-sindrome-de-down-conclui-faculdade-com-tcc-nota-10.htm>>. Acesso: 02 fev. 2016

VILAS BOAS, S. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida.** 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. **Perfis: o mundo dos outros / 22 personagens e 1 ensaio.** 3ª ed. São Paulo: Manole, 2014.

WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo:** um livro sobre o portador de síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 1992.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

XAVIER, G. 'Um sonho', diz paraibana com síndrome de Down sobre faculdade. **G1 Paraíba,** Paraíba, 21 mar. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1MXT7oy>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

APÊNDICE A - Roteiro da primeira entrevista

Roteiro para Cybelli Maria Chaves Gomes, de 33 anos.

TALENTO

- 1) Cybelli, por que você gosta de tocar pandeirola? Como você se sente quando toca? E o que as pessoas dizem pra você quando vêem você tocar?
- 2) Quais são as bandas com quem você gostaria de tocar? Com que grupos musicais/cantores você gostou de ter tocado?
- 3) Quais músicas/artistas você mais gosta de acompanhar com a sua pandeirola?
- 4) Você tem vontade de aprender a tocar outros instrumentos? Quais?
- 5) Qual é o seu maior sonho de vida? O que você vai fazer para realizá-lo?

INSTITUIÇÕES QUE FREQUENTOU/FREQUENTA

- 6) Cybelli, hoje você frequenta o Cmãe (Centro de Mediação e Apoio Escolar). Você gosta de lá? Por quê?
- 7) Antes da Cmãe, você frequentava a Funad. Por que você não quis continuar indo para lá?
- 8) Quais são as atividades que você faz no Cmãe? Tem alguma atividade que você gostaria que tivesse lá, mas não tem? Existe alguma coisa que você não gosta de fazer lá? Por quê?

PRECONCEITO

- 9) Você sabe o que é preconceito? Você poderia dizer para mim o que é?
- 10) Alguma vez alguém já foi preconceituoso com você? Como foi essa situação?
- 11) O que você diria a uma pessoa que já passou por preconceito para que ela não fique triste com essa situação?

FAMÍLIA

12) Sua família ajuda na realização dos seus sonhos? O que ela faz para te ajudar?

OBS. 1: As respostas às questões terão apoio da família, que será solicitada para o preenchimento de possíveis lacunas, ajudando a contar a história.

OBS. 2: Para realizar o perfil econômico, questionaremos sobre a renda de cada família, de acordo com dados oficiais de 2014, disponíveis em: <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 abr. 2016.